

Jornal do Engenheiro Agrônomo

Impresso
Especial

9912202447-DR/SPM
AEASP

...CORREIOS...

ANO 39, Janeiro/Fevereiro de 2010, nº 253



**A COP 15 vista por engenheiros agrônomos
que estiveram lá. Profissionais de destaque nos
contam quais foram as suas impressões**

**Conheça mais sobre o programa que tem como meta tornar
sustentável a agricultura realizada no principal manancial
da cidade de São Paulo**



Filiada a Confederação das Federações
de Eng. Agrônomos do Brasil (Confaeab)

Presidente Arlei Arnaldo Madeira

aeasp@sti.com.br

1º vice José Antonio Piedade

piedade@cati.sp.gov.br

2º vice Angelo Petto Neto

petto@widesoft.com.br

1º secretário Ana Meire Coelho

Figueiredo Natividade

anikka@lexxa.com.br

2º secretário Francisca Ramos de

Queiroz Cifuentes

ninacifuentes@hotmail.com

1º tesoureiro Luis Alberto Bourreau

bourrea@terra.com.br

2º tesoureiro Rene de Paula Posso

reneposso@uol.com.br

Diretor Glauco Eduardo Pereira Cortez

Glauco.cortez@uol.com.br

Diretor Luiz Ricardo Viegas de Carvalho

ricardoviegas@terra.com.br

Diretor Marcos Roberto Furlan

furlanagro@yahoo.com.br

Diretor Nelson de Oliveira Matheus Júnior

nmatheus@sp.gov.br

Diretor Sebastião Henrique Junqueira de Andrade

aeasp@sti.com.br

Diretor Tulio Teixeira de Oliveira

aenda@aenda.org.br

CONSELHO DELIBERATIVO

Aguinaldo Catanoce, Arnaldo André Massariol, Celso Roberto Panzani, Fernando Penteado Cardoso, Francisco José Burlamaqui Faraco, Genésio Abadio de Paula Souza, Henrique Mazotini, José Amauri Dimarzio, José Maria Jorge Sebastião, José Paulo Saes, Luiz Henrique Carvalho, Luiz Mário Machado Salvi, Pedro Shigueru Katayama, Tais Tostes Graziano, Valdemar Antonio Demétrio

CONSELHO FISCAL:

André Luis Sanches, Anthero da Costa Satiago,

José Eduardo Abramides Testa

Suplentes: Francisco Frederico Sparenberg

Oliveira, João Jacob Hoelz,

Celso Luis Rodrigues Vegro

A 15ª Conferência das Partes, da ONU, famosa Cop 15, deu o que falar por tudo o que gerou de expectativa e pelo pouco que produziu em termos de resultados efetivos, já que os chefes de estado lá reunidos não conseguiram entrar em acordo sobre as medidas a serem tomadas para reduzir o aquecimento da terra.

Mas entendemos que o evento foi marcante sobre vários outros aspectos, ele serviu, por exemplo, para mostrar que agricultura e meio ambiente caminham juntos e que o agronegócio está preocupado em encontrar soluções para os problemas que afetam o equilíbrio da terra.

Muitos dos membros da comitiva brasileira na Cop 15 trabalham para agropecuária, por isso o JEA convidou alguns desses colegas para conversar e nos contar sobre suas percepções e expectativas.

E tem boa notícia, o JEA conseguiu informações exclusivas sobre as alterações que deverão ser executadas no parágrafo 66, do decreto 4.074/2002, que regulamenta a prescrição de tratamento fitossanitário pelos técnicos, engenheiros agrônomos e florestais. Veja os detalhes na Seção Parabólica do Jornal e acompanhe esse assunto que é de extrema importância para todos nós.

Também vamos mostrar o que está sendo feito para organizar os produtores que estão situados às margens da Bacia da Guarapiranga, um manancial de extrema importância para a cidade de São Paulo e região metropolitana.

Como sempre, o JEA 253 traz brilhantes artigos dos colegas Fernando Penteado Cardoso e Túlio Teixeira, além do artigo de estréia de João Sereno Lammel, que acaba de assumir a presidência do Conselho Diretor da ANDEF.

Outro assunto interessante tratado nesta edição do JEA, é a Nova ART (Anotação de Responsabilidade Técnica), que vai gerar informações valiosas para os Creas, as entidades, os profissionais e os órgãos públicos. O novo formato apresenta novidades como a obrigatoriedade do documento ser solicitado ao CREA antes ou durante a execução dos serviços.

Boa Leitura!

Arlei Arnaldo Madeira



Jornal do Engenheiro
Agrônomo

Órgão de divulgação da Associação
de Engenheiros

Agrônomos do Estado de São Paulo

Conselho Editorial

Ana Meire Coelho F. Natividade

Ângelo Petto

Sebastião Junqueira

Diretor Responsável

Nelson de Oliveira Matheus

Jornalista Responsável

Adriana Ferreira (mtb 42376)

Colaboradora: Sandra Mastrogiacom

Secretária: Alessandra Copque

Tiragem: 10.000 exemplares

Produção: Acerta Comunicação

Diagramação: Sigríde Gomes

Redação

Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP 01041-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3221-6322

Fax (11) 3221-6930

aeasp@sti.com.br/aeasp@aeasp.org.br

Os artigos assinados não refletem
a opinião da AEASP.
Permitida a reprodução com citação da fonte.



**Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar CEP 01041-000
São Paulo - SP Tel. (11) 3221-6322 Fax (11) 3221-6930
aeasp@sti.com.br/aeasp@aeasp.org.br**

Posse no Instituto de Zootecnia

Credito: Divulgação.



A colega, eng^aagr^a Maria Lúcia Pereira Lima tomou posse em janeiro na função de diretora do Instituto de ZOOTECNIA, órgão da APTA/SAA. A nova diretora fez mestrado em Nutrição Animal pela Universidade de São Paulo (1988), quando estudou a utilização da cana-de-açúcar e seus subprodutos na alimentação de bovinos. O curso de doutorado em Zootecnia foi realizado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002). Atualmente tem realizado pesquisas na área de manejo de pastagens tropicais e produção leiteira em vacas da raça Gir.

Criado Conselho Institucional da AEASP

A diretoria da AEASP aprovou a criação do Conselho Institucional. O escolhido para tornar essa proposta uma realidade foi o colega Cristiano Walter Simon, companheiro de todas as horas, ex-executivo da ANDEF, membro da ABAG e com um currículo conhecido e admirado por todos.

Um dos objetivos básicos desse Conselho será o de aproximar e consolidar o intercâmbio das instituições representativas do setor do Agronegócio com a AEASP.

Conselho Diretor da Andef tem novo presidente

A Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) inicia 2010 sob um novo comando. João Sereno Lammel, diretor da DuPont, assume a presidência do Conselho Diretor da Andef, para um mandato de dois anos à frente da entidade. A gestão para o biênio 2010-2012 conta ainda, no cargo de vice-presidentes, com Laércio Giampani, diretor geral da Syngenta no Brasil, e Eduardo Leduc, diretor de Negócios de Proteção de Cultivos da BASF. Peter Ahlgrimm, diretor da Bayer, que deixa a presidência da entidade após dois mandatos, continua como membro efetivo do Conselho.



Acima, Diretor da AEASP, Nelson de Oliveira Matheus, posa para foto com a ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva e as pesquisadoras Ondalva Serrano e Ana Maria Primavesi em evento da Associação de Agricultura Orgânica.

Pesquisadores lançam Guia de hortaliças e plantas

Os engenheiros agrônomos Paulo Espíndola Trani, Francisco Antonio Passos, Arlete Marchi Tavares de Melo, Sebastião Wilson Tivelli, Odair Alves Bovi e a médica homeopata, Eloísa Cavassani Pimentel são autores do Manual Prático Hortaliças e Plantas Medicinais.

O livro tem por objetivo orientar o cultivo de hortaliças, plantas medicinais, aromáticas e condimentares, em pequenas áreas, de 1 a 10.000 m², onde é possível o manejo convencional, sustentável e orgânico, destacando-se ainda as instruções sobre rotação de hortaliças e controle alternativo de algumas pragas e doenças. A publicação pode ser adquirida pelo fone (19) 3231-5422 ramais 190 ou vendas@iac.sp.gov.br.



PROFISSIONAL DO CREA, CONHECE A MUTUA?

A Mútua é a Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea, criada pelo Confea, o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia

Associe-se à Mútua e aproveite todos os benefícios, convênios e serviços que ela oferece

BENEFÍCIOS REEMBOLSÁVEIS



EquipaBem
Se o seu desempenho e crescimento profissional dependem de livros e equipamentos, esse benefício da Mútua é o caminho



Férias Mais
Hora de relaxar. Fale com a Mútua e... boa viagem!



Apoio Flex
Há momentos em que só a Mútua entende suas necessidades. Peça esse benefício sem precisar comprovar o uso do auxílio



Construa Já
Pensando em construir, reformar ou ampliar sua casa ou escritório? Conte com a Mútua e mãos à obra!



Família Maior
A família está crescendo e as despesas também? A Mútua está ao seu lado em caso de gravidez ou adoção



Educatéc
Não pare de crescer! A Mútua dá uma força para a realização de cursos técnicos, graduação, pós-graduação ou especialização



Garante Saúde
Diz o ditado: "O importante é ter saúde". E a Mútua disponibiliza recursos para compra de medicamentos, tratamento médico e odontológico



Ajuda Mútua
Tempos difíceis? Falta temporária de trabalho? Peça ajuda à Mútua



TecnoPrev
Nunca é cedo para pensar no futuro. Conheça a previdência complementar dos profissionais da área tecnológica

O TecnoPrev é administrado pela

BB PREVIDÊNCIA

NOVOS BENEFÍCIOS



Auxílio Veículo
Pegue carona com esse novo benefício



Auxílio Empreendedor
Sonha ser um empreendedor? Conte com a Mútua nesse novo desafio



Auxílio Agrícola
Com esse novo benefício você sempre colhe bons frutos



Benefício Emergencial Mútua
Auxílio para associados vítimas de situações climáticas adversas, como enchentes, desmoronamentos, deslizamentos e outros

BENEFÍCIOS SOCIAIS

Auxílio Pecuniário
Auxílio ao associado carente de recursos, em evidente necessidade de sobrevivência



Auxílio Funeral
Pagamento de indenização a quem que custear as despesas do funeral

Pecúlio por Morte
Indenização aos beneficiários, em caso de falecimento do associado

SIMULAÇÃO DE REEMBOLSO R\$ 10.000,00 Juros de 0,5% a.m. + INPC (janeiro de 2010)

PRAZO P/ PGTO	PARCELAS			%
	1ª	ÚLTIMA	TOTAL	
12 MESES	R\$ 917,42	R\$ 840,34	R\$ 10.546,54	5,46
24 MESES	R\$ 500,75	R\$ 420,17	R\$ 11.051,04	10,51
36 MESES	R\$ 361,86	R\$ 280,11	R\$ 11.555,54	15,55



MUTUA-SP
CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CREA

ASSOCIE-SE JÁ!
0800 770 5558
www.mutua-sp.com.br

Eccos da Cop 15

A opinião de quem esteve no evento

As mudanças climáticas em curso e sua continuidade preocupam governos e empresários ao redor do mundo. Prova da relevância do tema foi a realização da 15ª Conferência das Partes, da ONU, conhecida como Cop 15, que reuniu no mês de dezembro milhares de pessoas, entre chefes de estado, ambientalistas, empresários e representantes da sociedade civil em geral para discutir formas de frear o aquecimento global, responsável pelas alterações no clima.

A agropecuária é um dos setores que influenciam na mudança do clima e sofre diretamente com os seus impactos. Na comitiva brasileira, a maior presente na Cop 15, eram muitas as pessoas ligadas ao setor. O JEA entrevistou alguns membros da comitiva, muitos deles, engenheiros agrônomos, para saber qual a impressão que tiveram do evento e como enxergam as questões ambientais no agronegócio.

Antonio Carlos P.B. Costa, gerente do Departamento de Agronegócio da FIESP

JEA - Em sua opinião, o que a COP 15 trouxe de positivo para o mundo e para o Brasil? Qual a relevância de um evento como esse?

AC - Muito se falou sobre o fracasso das negociações em Copenhague. Avaliando-se os resultados de um ponto de vista exclusivamente técnico, através dos textos negociadores, das ações concretas de redução de emissões e de como serão implementadas e viabilizadas, pode-se dizer que a negociação não atingiu os seus objetivos, longe disso. Por outro lado, é difícil caracterizar como fracasso uma conferência que reuniu mais de 40 mil pessoas e cerca de 150 chefes de estado para debater por duas semanas a transição para uma economia de baixo carbono. A COP 15 teve como grande mérito, colocar um tema como este no centro das discussões da mídia e da opinião pública internacional.

JEA - Como o sr. Avalia a participação do Brasil no evento?

AC - O Brasil levou à Conferência das Partes a maior delegação entre todos os países participantes, somando-se aí Governo, entidades de representação, empresas e ONGs. O fato demonstra a importância do tema para o país, no âmbito público e privado. Do ponto de vista negociador, o Brasil, pela sua relevância no cenário econômico internacional, exerce, junto a outros países em desenvolvimento, como a China e a Índia, um papel central na definição dos vários temas em debate. É preciso deixar uma coisa clara: a negociação deixou de ser eminentemente ambiental para se tornar uma negociação eminentemente comercial. Está se construindo as bases para uma economia mundial de baixo carbono, ou seja, embora o pano de fundo seja o meio ambiente e a preocupação com o aquecimento global e suas conseqüências, está em jogo a competitividade e a capacidade dos países em adaptar as suas economias para esta nova realidade.

JEA - O senhor acredita que a agropecuária brasileira está disposta a rever modelos, adotar novas práticas ambientalmente mais adequadas?

AC - O agronegócio é o setor da economia brasileira com a maior capacidade em oferecer respostas rápidas e efetivas para esta questão. Para tanto e em primeiro lugar, é fundamental o reconhecimento pelo governo brasileiro do papel das práticas conservacionistas, como o plantio direto, integração lavoura-pecuária, intensificação do uso de pastagens, entre outras, como práticas mitigadoras, ou seja, atividades que seqüestram carbono. A Embrapa tem trabalhado nesse sentido junto ao Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Ciência e Tecnologia, mas é preciso mais, é preciso que todas essas ações listadas possam constar

no Inventário Brasileiro das Emissões, com valores e metodologias incontestáveis, provando o papel fundamental que exercem na redução das emissões brasileiras, para que tenham o devido valor.

JEA - Em relação ao tema "serviços ambientais", o senhor acha que estamos avançando? Os produtores rurais já entendem e vislumbram ganhos efetivos nessa área?

AC - O tema tem grande potencial de gerar ganhos efetivos aos produtores de uma maneira geral, mas ainda estamos falando apenas de potencial. O debate multilateral ao longo deste ano deve fornecer indicações importantes neste sentido, estabelecendo critérios mais claros de como será o financiamento internacional para a preservação e recomposição de florestas e como esse recurso chegará a quem de direito, ou seja, o produtor agropecuário, que presta esse serviço para a sociedade. Entretanto, o setor produtivo deve estar atento para que as legislações nacionais possam prever o conceito de serviços ambientais. A reforma do Código Florestal é uma boa oportunidade para isto.

JEA - Ambientalistas e ruralistas vão se entender?

AC - Para que o entendimento ocorra, é necessário que a discussão se pautar pelo conhecimento técnico-científico, evitando posicionamentos ideológicos que esse tipo de discussão acaba trazendo. Além disso, somente quando nos comunicarmos melhor com a sociedade de um modo geral, conseguindo transmitir os benefícios das ações e práticas conservacionistas já mencionadas, e o potencial que isto representa, é que o setor passará a ter o tratamento que merece, ocupando o seu lugar de destaque quando o tema é conservação do meio ambiente. É importante lembrar que, se o Brasil é um dos países do mundo com uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, sendo 46% composta de energias renováveis, a cana-de-açúcar já é o seu principal componente. O problema é que conhecemos esses dados, essas informações, pois nos comunicamos muito bem entre nós mesmos. O desafio é passar isso tudo para a sociedade.

JEA - Qual o papel do engenheiro agrônomo nesse cenário de mudança de paradigma?

AC - O papel deve ser central na definição dos conceitos e nas negociações internacionais, onde os profissionais atuam de forma determinante, influenciando as discussões no âmbito da Convenção Quadro sobre Mudanças Climáticas da ONU. No âmbito doméstico, fundamentalmente, a atuação é determinante na pesquisa, desenvolvimento e aprimoramento constante das práticas agrícolas que darão ao Brasil a liderança nas discussões em torno de uma economia de baixo carbono.

Marco Antonio Fujihara,

Coordenador técnico de mudanças climáticas da FIESP e diretor da Key Associados e do Instituto Totum.



JEA - Em sua opinião, o que a COP 15 trouxe de positivo para o mundo e para o Brasil? Qual a relevância de um evento como esse?

MF - Não trouxe nada de positivo, trouxe uma série de incertezas, você não teve acordo por conta da insistência dos países ricos de que os países em desenvolvimento tivessem uma meta e dos mesmos em não aceitar isso. Um evento como esse, com 100 chefes de estados, tem relevância, mas a relevância se perde diante das resoluções.

Já a participação do Brasil foi interessante, sempre fomos um grande protagonista nesse tema, mas melhoramos nosso posicionamento internacional nesse assunto.

JEA - O senhor acredita que a agropecuária brasileira está disposta a rever modelos, adotar novas práticas ambientalmente mais adequadas?

MF - Eu acho que a questão da agropecuária é bastante relevante, se não buscarmos novas formas, teremos comprometimento interno e comprometimento da nossa competitividade. Não sei quanto tempo vai levar para mudar, mas que vai ter de se adaptar vai.

JEA - Em relação ao tema “serviços ambientais”, o senhor acha que estamos avançando? Os produtores rurais já entendem e vislumbram ganhos efetivos nessa área?

MF - O tema não é novo, na década de 1980 já existiam serviços ambientais na Costa Rica. No Brasil, tem um caminho longo a ser percorrido, muita gente pensa que vai ganhar muito dinheiro com a mata ciliar, mas o fato é que se você tem um sistema que passa pelo cumprimento legal, não vai conseguir ganhar com ele.

JEA - Ambientalistas e ruralistas vão se entender?

MF - Não vejo dicotomia entre agonegócio e agricultura de pequena escala, são apenas divisões políticas que se estabeleceram. O que existe é: ‘como fazer uma agricultura eficiente e competitiva, produzindo abelha no fundo do meu quintal?’ É mais ideologia política do que divisão econômica. Sou conselheiro da FIESP e do SOS mata atlântica e não vejo problema nisso.

Xico Graziano,

Secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo



JEA - Em sua opinião, o que a COP 15 trouxe de positivo para o mundo e para o Brasil? Qual a relevância de eventos como este? Como o senhor avalia a participação do Brasil?

XG - A Cop 15 será sempre lembrada como um grande fracasso. Entretanto, alguns avanços merecem destaque. Em primeiro lugar, ficou claro que o assunto “mudanças climáticas” não é simplesmente ambiental. Não é “coisa de ecologista”. Estamos falando de um novo paradigma econômico e social. Econômico, porque insere nas agendas dos países a necessidade de um modelo de produção e consumo compatível com o século XXI, eficiente e competitivo, porém não predatório. A “economia verde”, que defendemos, entrou nos programas de governo.

JEA - O senhor acredita que a agropecuária brasileira está disposta a rever modelos, adotar novas práticas ambientalmente mais adequadas?

XG - A agropecuária brasileira já vem revendo modelos produtivos e adotando práticas ambientais adequadas. Um bom exemplo reside no plantio direto. Mostra, com inúmeros outros exemplos, que está reagindo bem à pressão da sociedade, cada vez mais exigente nessas

questões ecológicas. Sinto que a pesquisa agrônoma vai bem, preparando o futuro sustentável da nossa agropecuária. Talvez falte acelerar um pouco o processo.

JEA - Em relação ao tema “serviços ambientais”, o senhor acha que estamos avançando? Os produtores rurais já vislumbram ganhos efetivos nessa área?

XG - O Pagamento por Serviços Ambientais – PSA é baseado no princípio usuário-pagador e visa conceder benefícios para iniciativas que preservem ou recuperem áreas com valor ambiental. Uma nova e boa agenda de trabalho.

No mundo todo, já existem diversas iniciativas públicas e privadas de pagamento por serviços ambientais, baseados no princípio do usuário-pagador: México, Costa Rica, Espírito Santo, Bahia e alguns projetos em andamento na região Sudeste.

O PSA surge como mais um instrumento de políticas ambientais, não substituindo os demais instrumentos legais ou de incentivos à preservação ambiental. Vamos avançar nessa matéria, que terá

destaque nessa década, com certeza. Os proprietários precisam ser remunerados pelo serviço ambiental que asseguram. Não podem apenas ser punidos, têm que ser estimulados a proteger a natureza. E aplaudidos por isso.

JEA - Ambientalistas e ruralistas vão se entender?

XG - Trabalho para isso a vida toda. Desde quando lancei meu primeiro livro, em 1982, procuro compatibilizar a questão agrária com a ecologia. Já fui Secretário da Agricultura de São Paulo, quando criamos o programa Melhor Caminho, visando combater erosões e conservar o solo. Virou um sucesso extraordinário até hoje, conduzido pela CODASP. Agora, sou Secretário do Meio Ambiente, e insisto: a agricultura e o meio ambiente podem e devem trabalhar juntos. É o caso da recuperação das matas ciliares, protegendo a biodiversidade e as nascentes de água. Enfim, tenho certeza que logo resolvemos esse impasse do Código Florestal e vamos avançar na união dos ruralistas com os ambientalistas. Eu me disponho, modestamente, como agrônomo e ecologista, a liderar esse processo.

Carlo Lovatelli, presidente da Associação Brasileira de Agribusiness

JEA - Em sua opinião, o que a COP 15 trouxe de positivo para o mundo e para o Brasil? Qual a relevância de eventos como este? Como o senhor avalia a participação do Brasil?

CL - Foi uma frustração, embora desconfiássemos de que não traria grandes decisões, mas achávamos que pelo menos alguns pontos avançariam. Havia uma tendência generalizada dos EUA e da União Européia em empurrar com a barriga esse processo. E o máximo que se conseguiu foi um compromisso político muito discreto. Do ponto de vista técnico havia poucas premissas e plataformas de comparação e o que tinha variava de acordo com os interesses dos que eram signatários de Kioto.

JEA - O senhor acredita que a agropecuária brasileira está disposta a rever modelos, adotar novas práticas ambientalmente mais adequadas?

CL - O empresariado rural está se cooptando para fazer parte do processo. Estamos sendo cobrados e estamos engajados, os homens do agronegócio sabem que se não se ajustarem, seus negócios vão ficar à margem. Os consumidores mais bem informados e atualizados exigem uma nova postura e precisam ser atendidos.

Com certeza o homem do agronegócio está disposto a mudar, adequar-se as boas práticas, mas tem de ser dentro da nossa realidade. E há que se considerar que a nossa legislação ambiental é a mais completa.

JEA - Em relação ao tema "serviços ambientais", o senhor acha que estamos avançando? Os produtores rurais já vislumbram ganhos efetivos nessa área?

CL - Os produtores sabem que poderão ter uma realidade melhor

para o seu negócio, dentro dessa lógica da remuneração por serviços ambientais prestados. Ele sabe que pode desmatar até 20% da propriedade na Amazônia. Mas a conta não fecha, ele não vai desmatar os 20%.

O crédito de carbono é um novo mercado que ainda está insipiente, mas numa fase de transição. Essa era uma das questões que queríamos acelerar na COP 15 e não conseguimos, mas a COP 16 já terá isso sistematizado.

Giampaolo Queiroz Pellegrino, pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária, lidera o projeto "Simulação de cenários agrícolas futuros a partir de projeções de mudanças climáticas regionalizadas (SCAF).

JEA - Qual o seu objetivo na COP 15?

GP - A Embrapa participou da elaboração das metas de reduções em geral. A entidade montou uma equipe para ter uma noção de como as coisas aconteceriam dentro do evento, principalmente no que se refere a agricultura.

JEA - Em sua opinião, o que a COP 15 trouxe de positivo para o mundo e para o Brasil? Qual a relevância de um evento como esse?

GP - Esperava-se muito mais, a comunidade mundial ficou frustrada, mas também não quer dizer que foi um fracasso, essa foi a Conferência que mais teve participação de governos.

E embora os governos não tenham chegado a um acordo, na parte técnica as discussões avançaram, principalmente no que tange às ações de mitigações nacionalmente apropriadas, conhecidas como NAMAs. As questões dos REDs também foram bastante discutidas.

Isso quer dizer que assim que houver um acordo político já será possível implementá-lo, do ponto de vista técnico.

A participação em um evento como esse é importante porque contribui na formulação de projetos e até mesmo nas decisões. As discussões que eram feitas só na Embrapa e Ministério das Relações Exteriores agora também estão presentes no MAPA. A interação entre o MAPA e Ministério do Meio Ambiente foi mais intensificada e os órgãos estão trabalhando mais em conjunto.

JEA - O senhor acredita que a agropecuária brasileira está disposta a rever modelos, adotar novas práticas ambientalmente mais adequadas?

GP - Há sempre uma inércia na mudança de modelos, mas tanto produtores pequenos quanto os grandes vão percebendo que só o manejo tradicional não tem resolvido mais. Todo o setor tem percebido que é preciso uma combinação de técnicas para a sustentação do negócio. E isso facilita a aceitação de um novo modelo.

Na agricultura essa mudança já vem acontecendo e no ministério essa mudança também já está sendo incorporada. O próprio pessoal do meio ambiente não esperava tanta contribuição do pessoal da agricultura para a redução de gases. E isso vai se transformar em políticas públicas na área de plantio direto, integração lavoura-pecuária, recuperação de pastagem, fixação biológica do nitrogênio. Essas são as grandes linhas, além da questão da diminuição do desmatamento na Amazônia e no Cerrado.



Credito: Embrapa.



Segurança nos insumos agrícolas

Tulio Teixeira de Oliveira, diretor executivo da Associação Brasileira dos Defensivos Genéricos (AENDA)
Site: www.aenda.org.br, email: aenda@aenda.org.br

No dia 27 de outubro de 2009, o jornal O Estado de São Paulo noticiou que milhares de pessoas se aglomeraram em filas por todo o território dos Estados Unidos buscando a vacina contra a gripe H1N1.

Desde abril, pelo menos 1.000 pessoas morreram em consequência da doença. A expectativa era que estariam disponíveis 160 milhões de doses da vacina, mas na realidade só houve produção de 28 milhões. De acordo com a Secretária da Saúde, Kathlenn Sebelius, um dos problemas é que 4 das 5 empresas fabricantes de vacina estão fora dos EUA. "É uma preocupação dependermos de outros países para comprar a vacina".

Saúde, Alimentação e Educação são serviços que todos os povos exigem que o Estado tome a frente na administração, no ordenamento, na orquestração das condições para que o país esteja bem preparado para suprir a demanda interna.

A alimentação é bem suprida aqui no Brasil por nossa agricultura, que inclusive produz excedentes para alimentar outras nações. Mas, à montante da agricultura estão os insumos e aí reside o perigo. São sementes, fertilizantes, defensivos como bens não duráveis e os maquinários como bens duráveis. De maneira geral estamos perdendo terreno. Já fomos mais atentos.

O insumo Semente está escapando de nosso domínio, ao menos no âmbito tecnológico, pois a produção por contingência edafoclimática tende sempre a ser produzida no próprio local. A EMBRAPA sozinha dará conta de acompanhar a avassaladora onda das grandes empresas de biotecnologia? Atenção, não se vende mais semente melhorada geneticamente, bem selecionada, certificada; hoje é vendido o direito do uso de um ou mais genes apropriados da natureza pela biogênica, daí os royalties. A competição já foi esmagada por poucas e pesadas botas. O custo deste insumo está em ascensão.

O fertilizante deu um susto tão grande no preço e até na retração da oferta global em safra recente que as autoridades perceberam claramente o que é Segurança Alimentar. Houve bastante movimentação e dá para acreditar que uma planificação construída no potencial mineralógico brasileiro será realidade no médio prazo. Torçam para que a próxima virada de governo não ponha a perder essa perspectiva.

Olho nos Defensivos, pois todo o esforço da década de 70 está derretendo/balançando. O Brasil na era militar produzia mais de 70% das suas necessidades de pesticidas. Hoje, com muito mais produtos registrados o panorama é outro.

Os números de 2009 não estão fechados, mas não devem diferir, salvo em dólar, visto que a moeda americana foi depreciada neste ano cerca de 24% em relação ao Real.

Mais comércio, menos indústria. Desenvolvimento...quase nada!
Mas nada de obscurantismo, nem arroubos nacionalistas.

DEFENSIVOS AGRÍCOLAS COM REGISTRO NO BRASIL - 2009 INGREDIENTES ATIVOS (sem considerar misturas de i.as.)

QUANTIDADE DE I.As.

• Adjuvantes	205
• Protetores	001
• Semioquímicos	026
• Biológicos	004
• Químicos	303
TOTAL	359
I.As. PRODUZIDOS NO BRASIL	043

Enquanto o consumo aumenta...

CONSUMO DO BRASIL DE PESTICIDAS – QUANTIDADE E VALOR

	2005	2006	2007	2008
QUANTIDADE	232.232	238.766	304.031	312.632
- em toneladas				
VALOR	4,243	3,919	5,371	7,125
- em US\$ bilhões				

Fonte: SINDAG

IMPORTAÇÃO DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS POR VALOR AGREGADO (US\$ MI)

Produto	2005	2006	2007	2008
Produtos	1.095.804	442.000	663.953	868.872
Técnicos	(64%)	(44%)	(45%)	(41%)
Produtos	605.136	562.000	825.822	1.258.803
Formulados	(36%)	(56%)	(55%)	(59%)
Total	1.700.940	1.004.000	1.488.875	2.127.675
	(100%)	(100%)	(100%)	(100%)

Fonte: MDIC

Não há uma receita pronta. A ordem da sabedoria popular é administrar os avanços de forma a não depender demasiadamente de fontes externas.

Lembremo-nos de Kathlenn Sebelius com nossa reverência.



Fico imaginando...

Fernando Penteado Cardoso, Eng. Agr. Sênior (ESALQ-USP, 1936), presidente da Fundação Agrisus

“Olha seu moço. Quando meus avô chegaro d’ Itália, já tava tudo derrubado p’ra plantá café com milho, feijão e arroz nas entrelinha. O milho servia p’ra fubá, p’ros porco e p’ras galinha. Era um despropósito de fartura. Tinha de tudo.

A gente plantava nas várzea porque a terra era mais fresca e sofria menos co’a seca. Bem que a várzea protegia a gente. Agora querem que a gente num plante mais nas baixada. Num dá. Nois n’um semo responsave si os antigo derrubaro mato p’ra sobrevive e p’ra ganha a vida. Fico maginando: eles trabalharo muito p’ra abri o sertãozão.

Mato na beira dos rio era casa dos pernalongo das maleita e tinha pranta cum veneno qui matava os boi, por isso a gente limpava tudo. Tinha rio chamado de pardo, de turvo, de vermelho porque as beirada desbarrancava e mudava a cor d’água. E mesmo assim era tudo mato nas marge qui diz ciliá.

Diz que prantá mata ciliá é bão p’ros bicho e p’ra segurá os bar-ranco. Bicho gosta di mato fechado, sucegado, longi di gente. N’um é essas nesga di capoeira qui vai ajudá as capivara e vai firmá os bar-ranco. N’um credito não. Num tem nem espriença p’ra prová, uai! Já desbrugava quando era tudo mato. Fico maginando: a genti pranta as berada p’ra mor di ficá bonito, fazê sombra, cortá os vento!

Num sei quen inventaro a tar reserva de 20%. Porque esse núm’ro? Podia ser 15, 25 ou quarquero outro. Acho que contaro os dedo que a gente tem. Parece inté tabelamento de juro. Ninguém bedece. O tal 20% tem que caí fora. É pura invenção dos político ou de gente que não tem mais que fazê. Fico maginando: não diantô nada até hoje e não vai diantá nada daqui p’ra frente.

Mandá plantá arve p’ra imatá as mata antiga, isso é conversa di moço da cidade. Arve é muito bonito, dá sombra e corta o vento. Tira-ndo os mato diminui a geada, isso todo mundo sabe. Agora, dizê que arve muda o calor, o frio e a chuva, tô p’ra vê. Num credito não. A bem dizê, ela dá só um frescorzinho na sombra, bem debaxo das foia.

Lá no Gronômico di Campinas tem medidô di chuva do tempo dum tar dotô Darfe. Dissero qui as chuva d’agora tem sempre otra iguar otros ano p’atrás. Meus avô mi contaro que no ano di 29 cho-

veu p’ra daná. Inundô tudo o varjão do Tietê da Ponti Grande inté a Freguezia. Um marzão qui só vendo. Será qui era curpa das arve qui tiraro p’ra prantá café?

Bom mesmo era os governo comprá toda as mata qui sobrô e conservá elas p’ros bicho vivê e p’ras criançada passeá e conhecê como era a terra deles nos tempo dos índio e da bicharada. Podia até dar uns prêmio p’ra quem conservá uns capão ou intão uma gorgetinha p’ra formá uns bosque p’ra boniteza dos sitio e fazenda. Um disconto quarquero que animasse a gente p’ra comprá as muda e matá as formiga. Uái, num dão mesada p’ra gente ficá discançando?

No tempo das carpidera puxada com égua, a gente tinha que limpá bem a terra p’ra facilitá o serviço. Aí as água carregava tudo e era uma baita d’erosão. Agora nois dexa o cisco cobrindo a terra e se-gura o mato com remédio. Bastante cisco segura as água que corre devagarinho e tem mais tempo de filtrá. Num tem mais enxurrada lavando terra p’ra baixo. U’a beleza esse tar di prantio direto. Dá inté gosto di prantá.

Si a gente pudê segurá as enxurrada, fazendo a chuva todinha filtrá na terra, já tá demais de bão. Vai garantí os óio dágua. Si num filtrá que nem nas mata, as nascenti seca tudo, mesmo cum arvoredos em vorta.

Ond’é que já se viu os carriadó, os caminho e as estrada mu-nicipar despejá tanta enxurrada com lama, areia, terra e tudo nos ribeirão, entupindo os corgo e os brejo. Fico maginando: isso sim, atrapaia o tar di ambiêti.

Porquê tazaná a vida da gente cum tanta cumpricação de papela-da, registro, licença p’ra tudo? P’raque tanta meaça di murta, di cadeia, di tomá o chão da gente?

Vai acabá nois acompanhando os sem terra que vive num bem bão, tem presente di mesada, comida di cesta, visita di padre, agra-do dos politico pedindo voto e barulhera das TV fazendo eles ficá importante. Será que temo que fazê companhia p’reles?

Fico maginando: quem é qui vai intão prantá p’ra mandá comida p’resse povão das cidade? Cês pensa qui o CEASA fica sortido si nois fiquemo em casa comendo co a borsa de familia?”

FUNDAÇÃO



agricultura
sustentável

www.agrisus.org.br

Financia

Projetos educacionais visando a capacitação profissional:

1. Estudo de pós-graduação;
2. Treinamentos, estágios, cursos;
3. Disseminação de tecnologias.

Projetos de geração de tecnologia agrícola e de suas bases:

1. Pesquisa agrônômica
2. Testes de validação

Visando otimizar a fertilidade da terra de forma sustentável e favorável ao ambiente.

Aula de agricultura no rádio

No início de janeiro, o ex-ministro Roberto Rodrigues, foi entrevistado, ao vivo, na Rádio Jovem Pan. Ao longo da entrevista, com seu peculiar didatismo, falou de safra, meio ambiente, exportações e demais temas atuais relacionados ao agronegócio.

Na ocasião, foi apresentado pelos repórteres como coordenador do curso de Agronegócios da FGV.

A AEASP parabeniza o ex-ministro por ajudar a desvendar de forma tão competente o setor agrícola para o meio urbano. E também parabenizamos a Rádio Jovem Pan pelo espaço dado.

Credito: Divulgação.



Agenda:

XXVII Congresso Brasileiro da Ciência das Plantas Daninhas

Tema: Responsabilidade Social e Ambiental no Manejo de Plantas Daninhas

Data: 19 a 23 de julho de 2010

Local: Centro de Convenções de Ribeirão Preto - Ribeirão Preto - SP

Site: www.27cbcpd.org.br

FEINCO - Feira Internacional de Caprinos e Ovinos

No mês de março São Paulo se transforma na capital mundial da ovino-caprinocultura. Com mais de 100 eventos paralelos, 4200 animais de 20 raças diferentes, além de 150 expositores comerciais e 300 criadores numa área de 40.000 m², A FEINCO hoje é referencia para o setor e antecipa tendências para todos os elos da cadeia produtiva.

Data: 9 a 13/3/2010

Local: Centro de Exposições Imigrantes – São Paulo - SP

Site: www.feinco.com.br

Telefone: (11) 5067-6767

Simpósio de Manejo Varietal em Cana-de-Açúcar

O Grupo de Estudos Luis de Queiroz (GELQ) junto com o Grupo de Estudos em Cana de Açúcar (GECA) realiza o Simpósio de Manejo Varietal em Cana-de-Açúcar. O Simpósio tem como objetivo expor o novo cenário do mercado e as atualizações do conceito de melhoramento genético das variedades comerciais de cana-de-açúcar.

Data: 09 de abril. Local: Esalq Contato: Nicolas Scrideli (19)9646-0838

nicolas.scrideli@usp.br

Mudanças na prescrição dos fitossanitários

O JEA obteve informações em primeira mão de que, nas próximas semanas, deve ser alterado o texto do artigo 66 do decreto 4.074/2002, que regulamenta a prescrição de tratamento fitossanitário pelos técnicos, engenheiros agrônomos e florestais. A nova redação, sugerida pelo deputado federal Luis Carlos Heinze (PP-RS), e enviada pela Coordenadoria Geral de Agrotóxicos ao Ministro da Agricultura, permite aos engenheiros agrônomo e florestal exercer amplamente suas profissões, aplicando os conhecimentos adquiridos durante sua formação e experiência junto aos produtores.

O texto proposto para o artigo 66 traz o seguinte conteúdo: "Os produtos deverão ser utilizados mediante observância das recomendações constantes nos respectivos rótulos ou bulas ou de acordo com prescrições específicas contidas em receita lavrada nos termos do caput deste artigo, devendo ser obrigatoriamente respeitadas as culturas e doses máximas, expressas em bula"

A regra atual estabelece que os produtos agrotóxicos ou defensivos agrícolas só podem ser prescritos com observância das recomendações de uso aprovadas em rótulo e bula. A mudança visa atribuir o uso dos produtos não só a observância das recomendações constantes em rótulos ou bulas, mas também as prescrições específicas contidas em receita lavrada pelos profissionais. Heinze argumenta que a prevalência do que é sugerido em bula desmerece a formação e a experiência de técnicos e engenheiros.

Em novembro, ao reunir-se com Heinze e membros da Câmara Temática de Insumos Agropecuários, o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, já havia manifestado apoio à proposta. Na ocasião, o ministro prometeu assinar ato alterando a parte do decreto que limita a liberdade de atuação dos profissionais.

Reciclagem

Durante a discussão do assunto, o deputado destacou ao ministro a necessidade de realizar cursos de reciclagem para atualização dos técnicos, engenheiros agrônomos e florestais. Segundo ele, um projeto de curso a distância nesse sentido será elaborado em parceria entre o Ministério da Agricultura e as entidades que compõem a Câmara Temática de Insumos Agropecuários.

Caderno Agrícola do Estadão faz 55 anos

No início de janeiro, O caderno Agrícola completou 55 anos. Criado a partir de uma coluna semanal sobre assuntos agrícolas, foi publicado pela primeira vez em formato tabloide.

Nesse meio século de existência, a publicação vem prestando um importante serviço para o meio rural.

Confaeab começa o ano com nova diretoria

A chapa agronomia independente saiu vencedora na última eleição da CONFAEAB e tomou posse administrativamente no primeiro dia útil do mês de janeiro, o mandato de três anos se prolongará até 31 de dezembro de 2012.

Por fim, merece destacar que quatro sócios da AEASP, sendo três ex-diretores, estão ocupando cargo na CONFAEAB. São eles: Levi Montebelo como presidente, Arildo L. Carvalho como diretor financeiro, Tadeu José de Faria como diretor de relações públicas e Cláudio J. F. Manes como 2º Secretário.

Agricultura sustentável na cidade de São Paulo

Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil é uma das estratégias de Projeto que dá a devida atenção aos mananciais



Crédito das fotos: Divulgação.



Ricardo Viegas



Araci Kamiyama

O projeto “Guarapiranga Sustentável” é uma parceria entre o poder público estadual, municipal e a sociedade civil que tem como meta disseminar práticas agrícolas sustentáveis e fortalecer canais especializados de comercialização dos produtos agroecológicos na região da Bacia da Guarapiranga, em São Paulo. Nessa região de manancial há cerca de 500 agricultores ocupando uma área de 6.500 hectares.

Uma resolução conjunta das Secretarias de Estado do Meio Ambiente e Agricultura (SMA/SAA), publicada no Diário Oficial do Estado, de 22 de dezembro de 2009, estabeleceu as diretrizes para incentivar as práticas de agricultura sustentável em áreas de proteção e recuperação dos mananciais da Unidade de Gerenciamento dos Recursos Hídricos do Alto Tietê. A extensão rural agroecológica, manual de boas práticas agrícolas e ambientais, Centro de Referência em Agroecologia e as redes sociais são algumas das estratégias estabelecidas nesta resolução.

A Bacia da Guarapiranga é um manancial de extrema importância para o Estado de São Paulo. É uma região prioritária para a conservação da biodiversidade e abrange os municípios de Cotia, Embu, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra, São Paulo, São Lourenço da Serra e Juquitiba. A Bacia drena uma área de quase 64 mil ha e garante o abastecimento de água para aproximadamente quatro milhões de pessoas da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Sua conservação é fundamental para garantir a qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável da região. Ela possui uma área agrícola de 6.500 ha, com cerca de 500 agricultores, quase todos familiares (LUPA 2007/2008). São principalmente olerícolas diversas (hortaliças, legumes) e plantas ornamentais. Mas há diversas outras atividades: a produção de animais (gado, suínos, aves, peixes), cogumelos comestíveis, frutas, apicultura, turismo rural, reflorestamento, principalmente com uso de Eucalipto.

Nos últimos anos a região vem sofrendo sérios impactos da

expansão urbana desordenada e existem fortes evidências de que a atividade agrícola tem sido praticada sem os cuidados necessários e sem assistência técnica efetiva. De acordo com Ricardo Viegas, diretor do Departamento de Desenvolvimento Sustentável da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (DDS/SMA), “a agricultura praticada de forma convencional nessas áreas é altamente degradante, pois polui o solo e a água, contaminando-os”. Ele comenta que o Projeto trabalha na difusão de boas práticas agrícolas e da agroecologia, que é uma alternativa sustentável, do ponto de vista ambiental e, ainda, aumenta a competitividade do agricultor familiar, agregando valor aos produtos e permitindo o acesso a novos mercados.

A integração dos produtores é fundamental para o sucesso do projeto, e isso vem acontecendo, segundo Viegas, por meio dos municípios, dos parceiros e de ações, como a Rede de Agroecologia, a assistência técnica agroecológica e a abertura de canais de comercialização. “O município de São Paulo já está fazendo um recadastramento dos agricultores, principalmente em Parelheiros e disponibiliza corpo técnico para assistência técnica agroecológica, por meio da CAE - Casa da Agricultura Ecológica, que é uma ação conjunta da Supervisão Geral de Abastecimento (ABAST), Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (SVMA) e Subprefeitura de Parelheiros. A ABAST tem promovido novas Feiras Orgânicas no município”, relata o diretor do DDS. E continua. “São Lourenço da Serra também está fazendo o recadastramento para os trabalhos da organização de agricultores e capacitações. Embu tem o Programa Colhendo Sustentabilidade, que estimula a produção de hortas urbanas agroecológicas. E outros municípios estão aderindo ao Projeto e iniciando ações em prol da agricultura sustentável”.

Hoje todos os municípios da região fazem parte da Rede (Cotia, Embu, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra, São Paulo, São Lourenço da Serra e Juquitiba), por meio das secretarias municipais do meio ambiente e de agricultura, técnicos e agricultores. Há ONGS que atuam com agroecologia há vários anos na região que também se integraram a Rede, além de pessoas físicas de diversas áreas, como educadores ambientais, engenheiros agrônomos, etc.

Para incrementar a divulgação das ações e interação entre os participantes, foi lançado em dezembro de 2009, o Informativo da Rede, que é enviado quinzenalmente via eletrônica aos participantes. “Pretende-se, como resultado, que as ações em prol da agroecologia na região, ocorram de forma mais articulada e atinja seus objetivos de promoção do desenvolvimento rural sustentável”, diz Viegas.

Araci Kamiyama é engenheira agrônoma, mestre em Agricultura Orgânica e na SMA é gestora do Projeto Guarapiranga Sustentável, ela mantém contato permanente com os produtores locais e afirma que o nível de consciência dos agricultores em geral para um outro modelo de produção vem aumentando. “Na medida em que aumenta a pressão da sociedade por alimentos mais saudáveis, produzidos de formas mais sustentáveis. É o que acontece na região da Guarapiranga”, diz a pesquisadora. Como resultados do Projeto Guarapiranga Sustentável, entre outros, espera-se que o nível de envolvimento e participação dos agricultores aumente na medida em que as ações se concretizem: assistência técnica agroecológica, acesso a novos mercados, dentre outras.

Continuidade do Projeto

O maior desafio do projeto é também uma oportunidade de unir esforços entre o poder público estadual, municipal e a sociedade civil. “Por isso as ações são ousadas, mas são factíveis e muito necessárias”, diz Araci Kamiyama.

Para a gestora, um bom exemplo desses desafios são a assistência técnica agroecológica, que tem como meta atender a todos os municípios da bacia e exige formação de corpo técnico espe-

cializado; o incentivo ao associativismo e cooperativismo para que as demais ações se concretizem (acesso a mercado); a capacitação de agricultores, com a diversificação da produção e aprimoramento de técnicas para mercados específicos e a criação do Centro de Referência em Agroecologia como apoio aos trabalhos.

O risco do Programa ser interrompido por uma nova gestão estadual/ municipal é minimizado pelo fato de todas as ações estarem respaldadas em lei (Lei Específica da Guarapiranga e na Resolução Conjunta SMA/SAA n 08 de dezembro de 2009) e em Programas Estaduais, como o PDRS (Microbacias II). “Além do respaldo político, a adoção de um novo modelo produtivo para essas áreas (mananciais) é uma demanda da sociedade. Seus resultados atingem diretamente os agricultores e uma população de quatro milhões de pessoas, abastecida pela Represa Guarapiranga, tornando as ações do projeto fundamentais para o desenvolvimento rural sustentável na região”, afirma Viegas, diretor do DDS.

A Rede de Agroecologia da Guarapiranga

A Rede Agroecológica da Guarapiranga é uma das ações do Projeto Guarapiranga Sustentável e foi lançada na abertura da Biofach AL, a maior Feira de produtos orgânicos da América Latina, em outubro, pelos Secretários da Agricultura João Sampaio e do Meio Ambiente, Xico Graziano. Na ocasião, também foi lançado o Portal da rede, (www.sigam.ambiente.sp.gov.br/agroecologia). A Rede é uma forma de interação entre os agricultores e suas organizações e as diversas instituições que atuam na região (ONGs, Prefeituras, SAA, SMA, grupos de consumidores, entre outros) para trocas de informações, experiências e integração.

As Redes de Agroecologia são formas de interação entre os diversos componentes da cadeia produtiva, permitindo trocas de informações, experiências e integração. Para a sua consolidação se faz necessárias ações integradas entre os diferentes componentes, como os agricultores, produtores de insumos, ensino, pesquisa, extensão, rede logística e consumidores finais. O incremento de atividades comerciais, portanto, não é um objetivo final, mas se constitui como um dos resultados desta maior integração entre os diversos segmentos participantes da Rede.

O Portal é o espaço da Rede de Agroecologia da Guarapiranga na Internet e contém informações sobre seus parceiros, o acesso a bancos de tecnologias agroecológicas, notícias, entre outros. É uma ferramenta que está sempre em construção e seu conteúdo é resultado da cooperação e participação de todos os integrantes.

Para participar, ou obter mais informações, você deve-se enviar uma mensagem para: redagroecologia@ambiente.sp.gov.br. Os interessados podem visitar o Portal (www.sigam.ambiente.sp.gov.br/agroecologia).

Departamento de Ciências Agrárias (UNITAU)

Do plantio ao consumo

Referência em qualidade de ensino no Vale do Paraíba, os cursos de Agronomia, de Engenharia de Alimentos e de Nutrição, que compõem o Departamento de Ciências Agrárias da Universidade de Taubaté (UNITAU), são formatados para atender às demandas do mercado.

Os cursos possibilitam aos seus alunos a formação teórica – por meio de um corpo docente de qualidade, composto por 94% de professores mestres e doutores – e o aprendizado prático, por meio de uma completa infraestrutura, que abrange fazenda-piloto, fábrica de alimentos, clínica de nutrição, 12 laboratórios e centros de pesquisa de reconhecimento internacional.

Graças a essa infraestrutura, o Departamento consegue oferecer aos futuros profissionais a oportunidade de acompanhar todo o processo de desenvolvimento dos alimentos, desde o plantio, orientado pelos Engenheiros Agrônomo, seguindo para a indústria, local de atuação dos Engenheiros de Alimentos, até o consumo, fase acompanhada de perto por profissionais da Nutrição. Os cursos da UNITAU também introduzem os alunos no universo da pesquisa acadêmica, área em expansão, e da extensão universitária, por meio de projetos, premiados no Brasil e no exterior, que beneficiam a comunidade da região e aliam profissionalismo à cidadania.

Consciente da importância da qualidade de ensino para atender às exigências do mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e dinâmico, a UNITAU investe, constantemente, na atualização dos cursos do Departamento de Ciências Agrárias, aprimorando suas grades curriculares e a composição de seu corpo docente, bem como modernizando suas instalações.

Também investe no desenvolvimento de pesquisas e de projetos voltados para a comunidade com a certeza de que, enquanto beneficiam a população, oferecem aos alunos uma oportunidade de reflexão sobre a realidade da nossa sociedade e do mercado profissional.

Tradição e qualidade de ensino

Criado há 30 anos, o curso de Agronomia da Universidade de Taubaté (UNITAU) é um dos mais tradicionais e renomados cursos da Instituição e, ao longo desses anos, formou mais de 1.500 profissionais, que ocupam hoje postos de destaque em empresas da região e do País e em universidades públicas, privadas e estrangeiras.

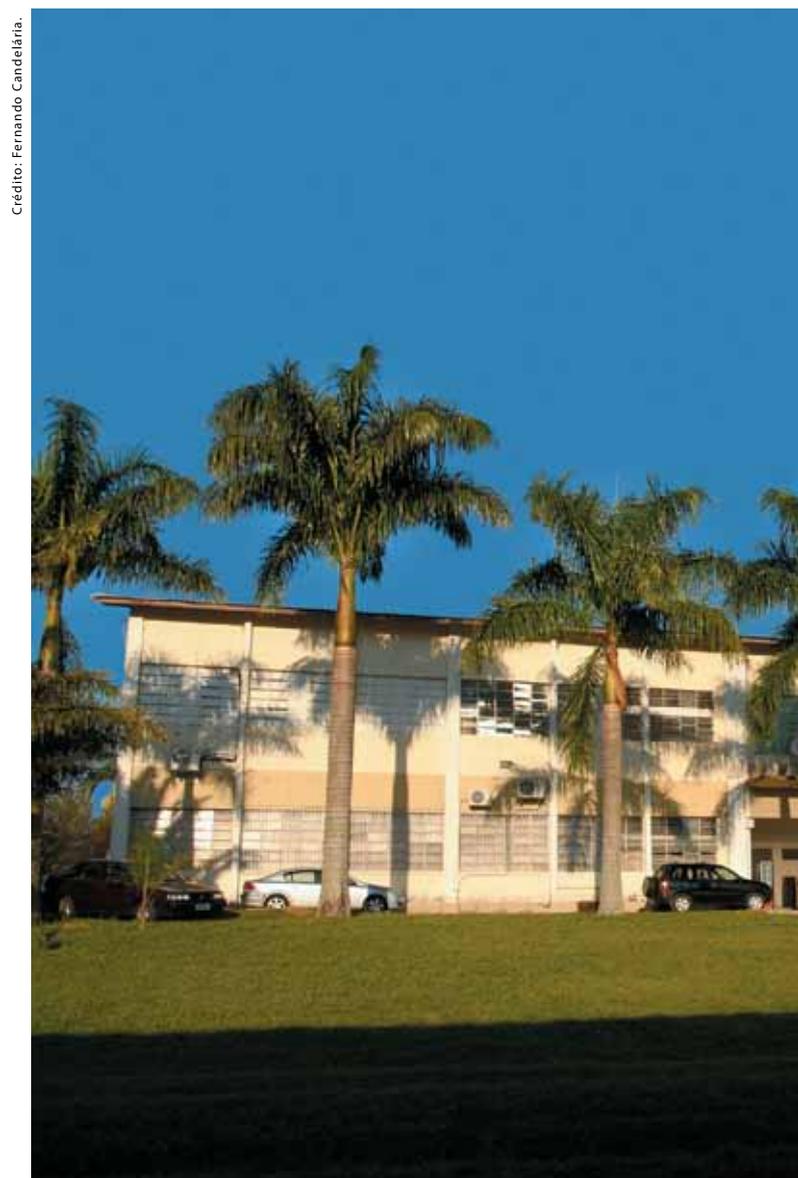
O curso, com duração de cinco anos, é estruturado para formar engenheiros agrônomos capacitados para a aplicação de novas tecnologias e para tornar as propriedades mais produtivas e competitivas. Os profissionais formados na UNITAU são aptos, também, para criar e administrar o seu próprio negócio. Na área de manejo de animais, o curso oferece disciplinas voltadas para as novas técnicas de criação.

Com foco em áreas que estão alavancando o agronegócio, destacam-se no curso disciplinas voltadas para a produção de biocombustíveis, melhoramento vegetal e florestas plantadas. “O curso me ofereceu uma formação diferenciada, com contato direto com grupos de estudo que me prepararam para o mercado na área de agricultura alternativa, na qual trabalho atualmente”, afirma Sandra Pereira da Silva, pesquisadora da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), Polo do Vale do Paraíba, e ex-aluna do curso de Agronomia.

Visando à qualidade de formação dos seus alunos, o curso dispõe de infraestrutura de qualidade na qual os futuros profissionais de Agronomia realizam atividades práticas, desenvolvem pesquisas e participam de projetos de apoio a comunidade. “O curso de Agronomia da Universidade me ofereceu espaços para conhecer outras áreas de atuação além da agricultura convencional, como a agricultura ecológica”, conta Amira Rachid, engenheira agrônoma da Surya Brasil, empresa de cosméticos, e ex-aluna da UNITAU.



Crédito: Arquivo/Unitau.



Crédito: Fernando Candelária.

Instituto Agronômico de Campinas

Há mais de um século gerando conhecimento para a agricultura

Uma das mais antigas instituições de pesquisas do país e referência internacional, o Instituto Agronômico de Campinas (IAC) foi criado em 1887 e faz parte da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo.

O Instituto atua em pesquisas essencialmente voltadas à agricultura e ao longo desses anos desenvolveu estudos nas mais diversas áreas produtivas do agronegócio paulista e brasileiro.

Segundo Marco Antonio Teixeira Zullo, diretor geral do IAC, o foco do instituto é a área de produção vegetal. “Não trabalhamos diretamente com pecuária. Temos variedade de cana forrageira, para alimentação animal, por exemplo, mas nossa pesquisa é ligada à produção vegetal”, explica. “Nosso trabalho está centralizado em 66 espécies vegetais, das mais diversas e muito presentes na vida do brasileiro. Falamos aqui de arroz, feijão, café, frutas, hortaliças, oleaginosas, cana-de-açúcar, citros e tantas outras.”

Atualmente o IAC conta com 535 profissionais, a maioria é composta por engenheiros agrônomos, mas há também biólogos, químicos, engenheiros de alimentos, bioquímicos, engenheiros da área têxtil. Dentre esses profissionais, 194 são pesquisadores (80% doutores e 16% mestres) e 341 servidores de apoio, que atuam nas áreas de pesquisa e de administração.

Em 122 anos de existência, o IAC já desenvolveu 931 variedades agrícolas, além de eficientes sistemas de produção e manejo, os quais contribuem na melhoria da produtividade das lavouras e na redução dos custos, além de minimizar os impactos sofridos pelo meio-ambiente e na saúde do trabalhador rural.

De acordo com o diretor da instituição, a pesquisa desenvolvida no IAC, bem como as ações de transferência de tecnologia, tem sua relevância marcante na contribuição para a melhoria da qualidade de vida de diferentes grupos sociais, incluindo agricultores, demais profissionais das cadeias produtivas do agronegócio e consumidores do Estado de São Paulo e de outras regiões brasileiras.

Atualmente o Instituto Agronômico tem cerca de 650 projetos de pesquisa em desenvolvimento e conta com a parceria de várias empresas. “Só nas pesquisas com cana-de-açúcar são mais de cem empresas. Há outras muitas em trabalhos com citros, café, engenharia e automação, climatologia, horticultura, grãos e fibras, frutas”, diz Zullo. E ressalta. “A parceria do IAC com empresas privadas constitui importante meio de enriquecimento de nossas pesquisas. Atualmente, não há como pensar a pesquisa sem essa parceria, por toda sua relevância.”

O IAC, assim como outros institutos do Estado de São Paulo, também obteve benefícios com o aporte do feito pelo Governo do Estado à APTA. “Os recursos da APTA alcançaram praticamente todas as áreas do IAC, com foco nos processos de certificação de laboratórios (de análise de resíduos e de fertilizantes, análise de sementes, clínica fitopatológica de citros e laboratório de cana-de-açúcar) e na modernização da unidade básica de produção de sementes”, relata o diretor. E continua. “Os recursos foram investidos também na renovação da frota de veículos do IAC, que não era recuperada há 15 anos, e na renovação de equipamentos agrícolas, como tratores, colhedoras e implementos.”

Na área de citros foi construído um sistema protegido para o Banco de Germoplasma de Citros, um grande telado para proteger do greening as plantas usadas em pesquisa.

Destaque internacional em agroenergia

Dentre os projetos desenvolvidos pelo Instituto, o destaque está no setor de agroenergia. “Nessa área de maior repercussão, o IAC também tem destaque nacional e até internacional. Além de sermos referência em cana-de-açúcar, temos estudos com mamona, girassol, amendoim, pinhão-manso. Mais recentemente iniciamos estudos sobre produção de etanol a partir da mandioca. Quatro centros de pesquisa do IAC foram credenciados, em 2009, junto à Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) para desenvolvimento de projetos na área de biocombustíveis, com recursos da Petrobras”, relata Zullo.



Marco Antônio Teixeira Zullo

Crédito: Arquivo IAC.

Ainda em bioenergia, em 2009, o IAC teve três projetos aprovados no Programa FAPESP de Pesquisa em Bioenergia (BIOEN). Em citros, o IAC coordena o INCT Citros – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Genômica para o melhoramento de citros, apoiado pelo CNPq e pela Fapesp.

As áreas básicas da pesquisa, como solos e climatologia, são algumas das principais formas de interação entre os setores produtivos e o Instituto. As inovações em adubação e substratos para plantio, assim como a qualidade na análise de solos e de resíduos, colocam o IAC em evidência na pesquisa nesse setor. “O mesmo tem ocorrido com a área de ecofisiologia e biofísica, que presta serviços de orientação agrometeorológica a agricultores de diversos segmentos e auxilia em atividades de prevenção a riscos climáticos, informando a Defesa Civil dos municípios com informações sobre volumes de chuvas em períodos em que a Defesa lida com problemas de enchentes, e outros prejuízos causados por intempéries climáticas”.

Mas o carro-chefe do IAC está na melhoria genética. “Há trabalhos importantes, por exemplo, no melhoramento de feijão, hortaliças, frutas, oleaginosas, seringueira com uso de modernas ferramentas da pesquisa, interação com outras instituições nacionais e internacionais na valorização dos bancos ativos de germoplasma.

Década vitoriosa

Em 2008, a Clínica Fitopatológica de Citros conquistou a certificação ISO 9001. “Outra conquista são as novas instalações do Laboratório de Análise Química de Fertilizantes e de Resíduos, que foi reformado para atender às exigências de norma internacional (NBR ISO/IEC 17025:2005) utilizada por laboratórios de ensaios e calibração e pelos organismos de credenciamento de laboratórios no mundo todo”, comemora Zullo.

Após a conclusão do credenciamento, esperada para os próximos meses, o laboratório do IAC será o único público no Brasil credenciado para fazer análises de fertilizantes.

Para Marco Antonio, manter os recursos humanos já treinados e capacitados para o desenvolvimento da pesquisa científica é o maior desafio do IAC. “O trabalho na pesquisa agrícola requer anos de dedicação para se chegar a um resultado. Para ilustrar, basta considerar que o desenvolvimento de uma nova variedade de planta exige cerca de dez anos de pesquisas. Preparar alguém para lidar com a pesquisa de forma eficiente não é algo que se faz rapidamente, daí a necessidade de preservar as equipes atuais e de constantemente renová-las, para que o saber fazer científico seja repassado sempre.” Apesar dos esforços do Governo do Estado de São Paulo, segundo Zullo, a questão salarial ainda é delicada. Tanto a iniciativa privada como outras instituições públicas de pesquisa tem sido grandes demandantes da mão-de-obra competente dos pesquisadores do IAC, levando a perdas de profissionais experientes na pesquisa e competentes na elaboração de projetos de pesquisa que resultam em recursos oriundos de agências de fomento estaduais e federais.

Perspectivas para a agricultura em 2010

*João Sereno Lammel, engenheiro agrônomo e presidente do Conselho Diretor da Associação Nacional de Defesa Vegetal, (ANDEF)

A indústria de defensivos agrícolas no Brasil trabalha com um cenário de recuperação do setor em 2010. Todas as estimativas apontam o crescimento na economia mundial; ainda mais positivo para o Brasil é o fato de algumas análises indicarem que o PIB nacional deve crescer algo entre 5% e 6%, situando-se acima da média mundial. Apesar do cenário de recuperação da economia como um todo, sugere-se para a agricultura certa cautela.

Entre as principais culturas, o algodão se manterá praticamente estagnado e o milho sofrerá redução, de acordo com projeções do MAPA. A cana-de-açúcar deve se recuperar das dificuldades enfrentadas desde 2008, salva em parte pelo preço do açúcar no mercado internacional. A soja registrará aumento mundial dos estoques com elevação da colheita em dois dos grandes países produtores, juntamente com o Brasil. Nos Estados Unidos, a safra de 2009, apesar dos problemas climáticos, será maior que a do ano anterior; igualmente na Argentina deverá haver aumento de produção na safra 2009-10 em relação a de 2008-09, quando houve grandes perdas devido a uma prolongada estiagem. Ou seja, o aumento mundial dos estoques pode implicar a contenção dos preços pagos ao produtor. Portanto, mesmo com o aumento do Valor Bruto da Produção, não significa, necessariamente, que haverá aumento da renda líquida do agricultor.

Por outro lado, destaque-se as perspectivas positivas para frutas, legumes e hortaliças. São alimentos fundamentalmente comercializados no mercado interno, cujas expectativas diante do aumento do PIB nacional e da renda da população se tornam muito favoráveis. Por exemplo, os aumentos projetados pelo Mapa para as culturas da batata, 5%, e do tomate, 35%.

É sob o quadro de cautela para 2010 que o dirigente da Andef destaca a importante contribuição dos preços de defensivos agrícolas. Os números confirmam uma queda generalizada nos preços destes produtos, favorecendo a relação de troca do agricultor. O levantamento foi realizado pelo Instituto de Economia Agrícola, IEA, órgão vinculado à Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo, com apoio da Andef e do Sindag, sindicato que reúne as indústrias do setor. Os resultados podem ser estendidos às outras regiões agrícolas do país, já que o estado de São Paulo responde por aproximadamente 20% de todo o consumo de defensivos agrícolas do país.

Os principais defensivos agrícolas comercializados, em sua maioria, 86,6%, apresentaram decréscimo nos preços correntes em outubro de 2009, quando comparado com agosto de 2009. De um total de 134 produtos pesquisados, em valores correntes, 116 produtos registraram queda nos preços, 17 tiveram aumento e 1 ficou estável. Relação de troca é o quociente entre o preço pago pelo agricultor pela chamada cesta de defensivos e o preço recebido pela cultura. Portanto, quanto menor essa relação, maior será o poder de compra do produtor. As cestas de defensivos, em outubro de 2009, registraram decréscimo nos preços correntes (entre 0,3% e 18,9%), em relação a outubro de 2008. Tivemos quedas expressivas de preços de produtos para culturas importantes, exemplos da soja, que retrairam 6,3%; do milho, 9,3%; e da laranja 17,5%.





Nova ART, um serviço para a sociedade e para os profissionais

Foi formatado um novo formulário para padronizar no país o registro da Anotação de Responsabilidade Técnica (ART). Com essa ação nasceu a Nova ART. A consequência é a geração de informações valiosas para os Creas, as entidades, os profissionais e os órgãos públicos.

A ART existe há 32 anos e sua atualização está baseada na Resolução 1.025/2009 e vem para reforçar um documento que ao longo do tempo comprova o acervo dos profissionais, e garante à sociedade a presença de profissional habilitado à frente de obras, empreendimentos, projetos e serviços da área tecnológica. O novo modelo foi uma demanda originada no 6º Congresso Nacional dos Profissionais (CNP).

O novo formato apresenta novidades como a obrigatoriedade do documento ser solicitado ao CREA antes ou durante a execução dos serviços. Quem ainda tem obras, empreendimentos ou serviços realizados até 2009, sem registro de ARTs, tem o ano de 2010 para regularizar a situação; do contrário, perderá o prazo e não poderá agregá-la ao acervo.

Outra novidade da Nova ART, que tem por base a Resolução 1.023, é o compartilhamento de determinados dados com alguns órgãos públicos, como o IBGE, por exemplo, para basear estatísticas relativas às atividades da engenharia no país.

O que diferencia a nova ART é o compartilhamento de determinados dados com alguns órgãos públicos. O documento será utilizado nos Tribunais de Contas Estaduais, ajudando no controle do andamento e utilização de recursos de obras públicas, empreendimentos e serviços com ART, o que também interessa ao Ministério do Planejamento e Orçamento e ainda à Controladoria Geral da União.

O Manual de Procedimentos foi elaborado em parceria com o Confea e os Creas da Bahia, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Goiânia, Rondônia, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, além da Mutua – Caixa de Assistência – e demais Regionais.

O Manual, bem como os produtos gerados por ele, como a implantação do projeto piloto e uma campanha nacional de esclarecimento à população, serão encaminhados à Comissão de Organização, Normas e Procedimentos para o seu parecer.

DETALHES IMPORTANTES:

Será considerada nula a Anotação de Responsabilidade Técnica, quando:

1. a qualquer tempo, verificar-se a inexatidão de quaisquer dados nela constantes;
 2. o Conselho Regional verificar a incompatibilidade entre as atividades técnicas desenvolvidas e as atribuições profissionais dos responsáveis técnicos respectivos;
 3. for caracterizado o exercício ilegal da profissão, em qualquer outra de suas formas.
- (artigo 9º - Resolução nº 425/98 do Confea).

Lembre-se!

Ao preencher o campo com o número 058, o profissional estará automaticamente fazendo sua contribuição à AEASP, ajudando assim a manter o trabalho da Entidade de defesa e desenvolvimento da agronomia brasileira. Se o emissor deixar o campo 31 em branco a alíquota não é repassada para nossa entidade e vai direto para o Confea.

Os tipos de ARTs específicas para o engenheiro agrônomo são as de Obras, Serviços, Receituário Agrônomo, Desempenho de Cargo/Função e Crédito Rural.

**Jornal do Engenheiro
Agrônomo**

Para anunciar no JEA ou recebê-lo,
entre em contato:
Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar
CEP 01041-000 - São Paulo - SP
Tel. (11) 3221-6322
Fax (11) 3221-6930
aeasp@sti.com.br/aeasp@aeasp.org.br

Tradição e Informação

O **Jornal do Engenheiro Agrônomo** é uma publicação que completa 40 anos de existência em 2010. Ao longo dessas quase quatro décadas de atuação, este veículo tem atuado como uma tribuna para os profissionais da agronomia e para o setor agrônomo, de modo geral.

Seu público leitor é formado por engenheiros agrônomos, sócios da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, autoridades, políticos e demais profissionais ligados à agropecuária. Se você precisa levar sua mensagem, seu produto ou serviço para esse público, anuncie no JEA.